

Mídias precursoras, transição e transgressão: atualidade da leitura de dois depoimentos do jornalista Marcus Faerman

TEREZINHA FÁTIMA TAGÉ DIAS FERNANDES

Universidade de São Paulo (USP) - tertag@terra.com.br

Professora Associada Livre Docente do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Docente e pesquisadora do PPGCOM.

Resumo

O conhecimento (ou reconhecimento) de textos produzidos nas mídias auxilia na compreensão histórica e na recuperação de questões próximas relacionadas à imprensa e à diversidade cultural. O estudo retoma como referência os processos e fontes de constituição de textos publicados na imprensa brasileira nos anos de 1970 do século XX em livros e em jornais alternativos. Considerando sempre os recursos tecnológicos de cada época, apresenta um segmento pouco estudado das produções de jornalistas brasileiros. Destacamos como exemplo a leitura de dois textos do jornalista Marcus Faerman: “As palavras aprisionadas”, reflexões para o *Jornal Versus*, Nº 7, de dezembro de 1976, e “A Longa Aventurada da Reportagem”, depoimento para o livro *Repórteres*, organizado por pelo jornalista Audálio Dantas, em 1997.

Palavras-chave

História da mídia. Imprensa brasileira. Marcos Faerman.

Abstract

The knowledge (or acknowledgement) of texts produced to media helps the historic comprehension and the retrieval of close issues related to the press and the cultural diversity. This present study retakes as reference the processes and sources of text construction published in the Brazilian press in the 70s (20th century) in books and alternative newspapers. Always taking into account of technological resources from each time, it presents a segment of Brazilian journalists' productions which have been very little studied. We highlight, for example, the reading of two texts by journalist Marcus Faerman: "The trapped words", reflections written on *Versus Journal*, number 7, from December 1976, and "The long adventurous of news reports", statement given to the book *Reporters*, organized by the journalist Audálio Dantas in 1997.

Keywords

Media history. Brazilian press. Marcos Faerman.

Artigo recebido em 13/09/2011
Aprovado em 20/10/2011

A memória dos textos na formação da culturaⁱ

Em seu artigo de 1985 sobre a memória à luz da *culturologia*, o pensador e semioticista da cultura, Iuri Lotman (LOTMAN, 1996, p. 167-161), afirma que a memória atua como um mecanismo supraindividual de conservação, transmissão de textos, de comunicados. Lembramos, de passagem, que a palavra *texto*, para o Autor, refere-se não somente aos textos verbais, mas a todos os conjuntos de signos que produzam mensagens. Por exemplo, à literatura, às imagens fotográficas, pictóricas ou filmicas, à dramaturgia, aos ritos, mitos e gestos, às danças, à música e outras criações humanas.

A partir deste princípio, compreendemos, por analogia, que as reportagens jornalísticas, elaboradas em determinadas situações históricas e criadas com recursos textuais específicos em seus cruzamentos de diferentes gêneros discursivos, podem se tornar textos de uma cultura e ajudar na construção de sua memória.

Essas reportagens são estruturadas como textos da cultura porque transfiguraram-se para além dos padrões de coerção impostos pelas regras empresariais da imprensa de seu tempo, instituídas segundo as determinações do mercado. Ultrapassaram a censura e outros tipos de restrição política do tempo cronológico em que elas foram escritas.

Essas circunstâncias justificam este estudo de textos midiáticos precursores e nossas reflexões sobre um modo de atualizá-los para a leitura de processos de contribuição para a História da Imprensa e das Mídias no Brasil.

Apoiamo-nos na introdução de sua obra: *História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet* (BRIGGS; BURKE, 2004), onde aprendemos com o historiador Peter Burke, ao lado da historiadora Asa Briggs, que o interesse sobre estudos de comunicação é mais antigo do que se pode imaginar. De modo geral, remonta à arte retórica da antiga Grécia e de Roma, transformando-se e adaptando-se durante a Idade Média e o Renascimento. Mas, no século XX, aumentou o interesse pelos estudos universitários sobre este tema, em função de sua importância para a vida social

imediate. Mas, lembramos os exemplos de mídias precursoras nas catedrais medievais, em suas imagens de madeira, de pedra ou bronze e as figuras dos vitrais dispostas em sequências narrativas, que contavam a vida de santos e outros ensinamentos considerados fundamentais, na época. Já comunicavam mensagens para a população analfabeta, ao mesmo tempo em que os livros guardavam mensagens para uma elite alfabetizada de religiosos e aristocratas, no exercício do poder.

Escritores–repórteres precursores brasileiros: a escritura do jornalista Marcos Faerman

Neste artigo, voltaremos nossa atenção para os estudos dos procedimentos das formas narrativas precursoras na mídia jornalística brasileira. São depoimentos relatados por seus construtores, a partir de suas experiências do ato da reportagem, em momentos de crises e mudanças na sociedade e no jornalismo no Brasil e em outros países da América do Sul.

Entre muitas possibilidades, destacamos como exemplo os textos jornalísticos escritos pelo repórter e escritor Marcos Faerman (1943-1999), como documentários reflexivos de um profissional e da exposição de sua perplexidade diante das transformações no ato de reportar de sua época, as três últimas décadas do século XX (1970-2000). No Brasil, este período, historicamente, corresponde aos anos do governo militar (1964-1985) sob a censura política à imprensa.

Os textos jornalísticos de Marcos Faerman podem ser considerados fontes de pesquisa inestimável no mapeamento do estado de arte para o conhecimento de processos precursores dos meios de comunicação e suas relações com o cotidiano da vida urbana no Brasil e de países da América do Sul. Seu ato de reportar compactuava com o dos escritores e intelectuais que passavam pelos mesmos problemas. Como o jornalista uruguaio Eduardo Galeano, o escritor argentino Júlio Cortázar, o mexicano Carlos Fuentes, o cubano Ernesto Cardenal, os brasileiros Erico Verissimo e seu filho Luis Fernando Verissimo, os dramaturgos e atores Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, os jornalistas Rodolfo Konder e Cláudio Willer, entre outros. Todos participantes

de um mesmo círculo de fatos cuja historicidade se constituía a partir de princípios comuns.

Para isso, torna-se imprescindível repensar a construção de formas de narrativa jornalística a partir de suas palavras. Justifica-se, desta maneira, o estudo de antigos manifestos escritos com uma fluência quase coloquial, em tom de conversa com o leitor, ou em forma de anotações para futuros desenvolvimentos. É o caso destes dois textos que merecem uma leitura atenta.

As Palavras Aprisionadas e a linguagem perplexa de um tempo histórico sufocado

*“A busca de uma realidade exige
uma linguagem capaz de captá-la”
(Marcos Faerman)*

A busca da linguagem precisa para captar a realidade que o circundava sempre foi o principal objetivo do trabalho jornalístico de Marcos Faerman. Ele foi um repórter sempre inquieto diante da realidade brasileira em seu tempo de mudanças, e esta busca sintetiza seu destino e sua função social. Não foi outra a sua missão senão encontrar uma correspondência entre “o mundo das coisas e o mundo dos signos”, dificuldade muito enfatizada em todos os produtores de textos da cultura, segundo Iúri Lotman e tantos outros pensadores das linguagens, todas elas, assim mesmo, no plural.

Mas, quem foi Marcos Faerman? Nascido na cidade de Rio Pardo, Rio Grande do Sul, em 1943, iniciou seu trabalho como jornalista em 1961, no jornal *Última Hora*, de Porto Alegre - mais tarde transformado no famoso *Zero Hora*.

Tornou-se um nome de referência da arte de reportar, como outros nomes internacionalmente conhecidos que praticavam o gênero híbrido de escrever, na fronteira entre literatura e jornalismo, tal como seus mestres do movimento norte-americano *Novo Jornalismo*, os jornalistas de não-ficção Tom Wolfe, Truman Capote, John Age e Gay Talese.

Mas, em seus depoimentos, o escritor-repórter sempre deixou claro que não foi apenas esta influência que o motivou a preocupar-se com as formas de construção de linguagens para criar reportagens. Sua formação intelectual tem origem nas leituras dos grandes romancistas e narradores universais que ele assimilou até a alma e que o acompanharam durante toda a sua vida. Sempre buscou uma síntese entre o *jornalismo*, a *arte* e a *invenção*, como ele costumava explicar.

Com esta capacidade de lidar com as palavras, ele fundou jornais alternativos de grande relevância para a História das Mídias brasileiras, como os jornais *Versus*, *Ex*, *Singular* e *Plural*. Todos guardam exemplos de reportagens que constroem a memória textual da cultura brasileira e da cultura latino-americana.

Foi professor universitário, formou outros jornalistas, recebeu homenagens em teses universitárias sobre suas obras. Morreu com pouco mais de 50 anos, no dia 12 de fevereiro de 1999, de um ataque cardíaco, em uma sexta-feira próxima ao Carnaval, sem realizar o seu grande projeto e sonho: o de escrever de modo sistematizado a Grande História da Reportagem Brasileira. Mas, sem dúvida, muito contribuiu para a constituição desta mesma história. As leituras de dois de seus textos jornalísticos, a seguir, podem comprovar esta afirmação.

Vamos apresentar primeiro o texto *As palavras aprisionadas*, escrito originalmente para o *Jornal Versus*, em dezembro de 1976. Mais tarde, foi publicado como Posfácio no livro *Com as mãos sujas de sangue*, uma coletânea de textos do Autor, publicada em 1979 (FAERMAN, 1979, p. 147-151).

O *Jornal Versus* foi uma realização muito significativa no percurso da carreira de Marcos Faerman. Era uma publicação alternativa de cultura, que durou quatro anos, com 33 edições (outubro de 1975 a agosto de 1979). O projeto editorial estava centrado inicialmente em questões literárias, de cultura geral, encaminhando-se no seu último ano para questões políticas e jornalísticas relevantes para a história da cultura brasileira e da América Latina. Neste aspecto, tratou de temas radicais relacionados ao momento histórico em que a sociedade brasileira passava pelo governo de regime militar (1964-1985).

Ainda na fase mais característica desta publicação, o texto *As palavras aprisionadas*, um dos que recortamos para esta exposição de idéias, expressa principalmente o drama interior do repórter diante de seu ofício. Ele sentia dificuldades para comunicar uma realidade do cotidiano brasileiro na qual estava inserido e através da qual podia testemunhar as mazelas e os males. Seu material de trabalho era feito de palavras em estado de liberdade. Mas, naquele tempo escuro, elas estavam presas e controladas pela censura política, pela coerção das empresas jornalísticas. Os jornais alternativos eram um modo de exercer o direito de fazer denúncias implícitas em alegorias para leitores cúmplices. Lidas na atualidade, tornaram-se depoimentos em sua historicidade permanente.

A estrutura do texto é semelhante à de um roteiro para reflexões que foram desenvolvidas em produções futuras do Autor ou como sugestões para serem completadas pelo leitor em qualquer ocasião da leitura. São onze pontos de partida para outros pensamentos, sempre marcados por um enunciado inicial em negrito, uma espécie de ideia-chave ou ideia-guia. Não queremos parafrasear ou reproduzir as palavras do Autor, mas sim, destacar pontos relevantes deste roteiro, escrito quase em forma de poema em prosa. Reproduzimos parcialmente as palavras do repórter:

O repórter e a sua perplexidade. O repórter tem diante de si a realidade [...] Como entender os conflitos, as mentiras aparentes, as verdades ocultas? [...]

Saindo da abstração. O repórter tem diante de si a realidade. A realidade pode ser um homem encolhido à beira de um rio [...] O repórter é um ser em disponibilidade [...] Ele está à disposição dos ‘chefes’ do jornal em que ele trabalha {...} O repórter olha para este homem. Procura saber sua história. A reportagem pedida: a vida de uma aldeia à beira de um rio corroído pelo mercúrio que mata os peixes que alimentam os homens.

O repórter e sua perplexidade. O repórter recebe ordens. O repórter diante da pauta [...] O que dizem as autoridades. O que diz o povo. O que dizem os industriais [...] Um homem de roupas rasgadas, um pescador que me fala com uma linguagem confusa como o vento que bate na água. Uma canoa parada no rio e uma rede. O olhar do repórter cai em suas mãos. Mãos cortadas pelo barro.

Os direitos do repórter e do jornal. [...] Parece-me curioso, para não dizer obscuro e totalmente aterrorizante, que pudesse ocorrer a um grupo de seres humanos reunidos através da necessidade e do acaso, e

por lucro, numa empresa, num órgão jornalístico, intrometer-se intimamente nas vidas de um indefeso e arruinado grupo de seres humanos, uma ignorante e abandonada família rural, com o propósito de exigir a nudez, a humilhação e a inferioridade destas vidas, em nome da ciência, do ‘jornalismo honesto’, da humanidade e do destemor.

Saindo da abstração. [...] O repórter em busca da realidade [...] E o que ele ouviu que era ‘jornalismo’. É uma linguagem que lhe disseram que era jornalística. Como esta linguagem que lhe disseram ser jornalística se adequa aos olhos e às mãos daquele homem à beira do rio?

As lembranças do repórter. “Tudo isso me parece curioso, obscuro, aterrorizante”, disse certa vez um repórter, James Agee, de quem fiz a citação anterior [...] Era um garoto quando a *Life* lhe pediu a história de algumas famílias rurais na época da Depressão dos EUA, de onde nasceu uma espantosa reportagem ‘E Louvemos Agora os Grandes Homens’. A *Life* rejeitou a reportagem de Agee por considerá-la anti-jornalística. Agee descrevia minúcias, até a respiração do pesado sono de trabalhador. Construiu um documento eterno. Seu relato é obra à altura de Stenbeck, John do Passos, Faulkner [...] Trinta anos depois seria editado numa coleção de Antropologia dirigida por Lévi-Strauss [...].

O repórter e sua formação. Todas estas idéias nascendo na cabeça do repórter a partir da questão da Linguagem da Imprensa [...] A certeza de que em nome do jornalismo muitos colegas rejeitariam o texto de Agee e muitos outros textos. A questão do texto objetivo’. A pergunta: que texto é esse? Onde nascem e com quem as técnicas jornalísticas ensinadas pelo que é publicado nos jornais e revistas e pelas ‘Escolas de Comunicação’? Onde nasceram e como as idéias de objetividade e neutralidade? Uma resposta possível: este texto jornalístico, esta linguagem fluente nos jornais surge com a estruturação da imprensa em forma de empresa/imprensa; empresas ligadas diretamente a determinada forma de organização da sociedade, o capitalismo. A linguagem da imprensa norte-americana se disseminando pelo mundo. A expressão de um Império e das idéias que o justificam.

Ainda a formação do repórter. [...] O texto nasce do olhar do repórter sobre a realidade. Mas, um olhar que não baixou para a realidade pode modificar as palavras. [...] O esquecimento de que ‘a linguagem vem sempre de algum lugar’. De que a linguagem está sempre referida a uma classe social, a um grupo humano. {...} O quanto pode a linguagem do poder ser disseminada pela realidade toda, preenchendo até a linguagem dos sonhos, até se tornar uma linguagem aparentemente neutra e objetiva? (Barthes. Barthes. Barthes.) A linguagem do poder alcançando até o espaço último do senso comum. Pensar em tudo isso. E ainda analisar a forma como esta linguagem se confunde com a expressão jornalística.

Saindo da abstração. [...] A necessidade de saber ouvir, saber descrever. [...] E aquele homem que devemos descrever, não é uma

abstração! Será que é ser ‘literato’ a necessidade de abrir meu mundo para aquele homem, absorver a sua realidade, a sua linguagem - achar as palavras certas para revelá-lo? [...]

Ficção e realidade. [...] Numa novela, uma casa ou uma pessoa tem seu significado, sua existência, inteiramente a partir do escritor. No jornalismo, uma coisa ou uma pessoa tem apenas o mais limitado dos seus significados através do repórter. Seu verdadeiro significado é muito maior. O personagem existe num ser concreto como você e eu [...]. Outra questão: o jornalismo é James Agee, Garcia Marques, Eduardo Galeano, Heródoto, René Chateaubriand, Norman Mailer, Euclides da Cunha, eis os nomes de alguns repórteres. [...] O jornalismo é um método: trabalha como instrumento de descoberta de uma realidade, com formas próprias anotações, pesquisas [...]muito da melhor literatura brasileira desta década vai ser descoberta (quando???) em alguns jornais e algumas revistas (por quem???)

Manifesto de libertação da palavra. A busca de uma realidade exige uma linguagem para captá-la. [...] É o único caminho para nos levar à débil captação de uma sociedade e de suas contradições. É da única coisa que interessa: o ser humano sufocado em sua vontade de ser.

Estas mudanças eram motivadas pela implantação de novas tecnologias pelas empresas de comunicação voltadas neste momento para a ideologia norte-americana do mercado e do consumo de ideias. Espaço medido no jornal impresso e tempo medido no jornal televisivo foram coerções empresariais que aprisionaram a manifestação das palavras nos jornais impressos e sufocaram o tempo das palavras nos jornais televisivos. Como preparar um profissional para esta nova ordem? Como o profissional jornalista que vivia nesta ambiência conseguiria preservar no texto jornalístico a palavra precisa para captar a realidade da história do *homem encolhido á beira do rio*?

A arqueologia do jornalista e *A longa aventura da reportagem*

Fico pensando numa arqueologia do repórter. Ou numa ontologia, isto é, na busca do próprio repórter (FAERMAN, 1997, p. 148)

O estado de perplexidade no qual o jornalista Marcos Faerman estava mergulhado tanto quanto seus colegas de ofício pode ser justificado pela leitura de outro depoimento do próprio repórter, explicando a sua formação. Está no texto *A Longa Aventura da Reportagem*, publicado no livro *Repórteres*, coletânea de grandes

reportagens escritas por vários profissionais do jornalismo brasileiro e organizada pelo jornalista Audálio Dantas em 1997 e editado pela Editora Senac.

Foi um aprendizado semelhante ao do escritor e jornalista Truman Capote, muito admirado por Marcos. O escritor norte-americano conta no *Prefácio* de seu livro *Música para Camaleões* que aprendeu a escrever em diferentes fontes, nos livros, na música, no desenho e, principalmente, na mera observação.

Do mesmo modo, a fonte da *escritura* (conforme Barthes) do ato de reportar de Marcos Faerman foi a leitura de grandes obras clássicas da literatura brasileira e universal, além de outras fontes de conhecimento, como as conversas com outros companheiros de profissão e a própria experiência do exercício de escrever. Histórias de viagens, livros de aventura, múltiplas formas de narrar a vida real e a ficção.

Logo no início de seu depoimento, ele afirma: *Todos os grandes repórteres que conheci – muitos deles pessoalmente, outros devorando suas biografias ou memórias – eram ratos de biblioteca ou caçadores de tesouros perdidos em sebos labirínticos [...] (p.147).*

Ele descreve, então, as suas passagens pelos sebos de Porto Alegre e os da Praça da Sé, em São Paulo, nos anos de 1970, como o sebo da Livraria Garreaux, maltratado pelos ratos. Entre eles, o famoso rato citado em um *lead* de uma reportagem escrita para o *Jornal da Tarde* pelo repórter Nicodemus Pessoa sobre as livrarias-sebos da época: “*E viva o rato Clarimundo, fiel defensor dos alfarrábios*”.

Neste sebo, Marcos encontrou um livro de histórias de viagens que marcou sua trajetória. Era a obra de um jornalista inglês, Henry M. Stanley, edição de 1879, da Livraria Hachette, de Paris, com lombada de ouro. O que mais o encantou foi o fato de que esta viagem, relatada pelo jornalista e escritor, ter sido bancada por um jornal de Nova York e outro de Londres. “*é um grande perguntador e ‘uma grande orelha’, como dizia Giba Vasconcelos – sem preconceitos nem camisa-de-força ideológica ou teórica – e uma capacidade enorme de reconstituir espaços físicos, civilizações desconhecidas, almas desconhecidas (p.148).*

Ao fazer uma arqueologia de si mesmo como repórter, lembra que foi Fabio Tavares quem o levou para o jornal *Última Hora*, de Porto Alegre, em 1961, e neste ano iniciou o seu ofício de vida. Ao lado de outros colegas, ele lia textos e obras recomendadas e esta foi sua grande escola de jornalismo, sua universidade diferenciada. Autores como Ernest Hemingway e os estudos sobre literatura da Profa\Walnice Galvão sobre *Euclides da Cunha e Os Serões*.

Depois ele recorda o aprendizado informal nas discussões nos bares de Porto Alegre, sobre literatura, sobre o cinema de Glauber Rocha, o cinema novo, os filmes poloneses de Andrzej Wajda, com imagens barrocas, a *nouvelle vague* francesa, os filmes japoneses de Kurosawa. “*A minha universidade era mais a redação do que a Faculdade de Direito que eu fazia burocraticamente e cujo curso nem terminei.*” (p.149).

Descobrimo percursos de leitura comuns entre seus interlocutores dos bares e das redações jornalísticas daquele tempo, ele cita obras de infância e adolescência, como a coleção *Tesouro da Juventude*, as histórias de Monteiro Lobato, as *Viagens Maravilhosas*, de Júlio Verne, o *Rocamboles*, de Ponson du Terrail, as aventuras nos Andes com Karl May, “*um alemão que gostava da América do Sul*”. Ainda completava o conjunto de leituras com as aventuras de Sherlock Holmes e as narrativas de Ian Fleming, que não eram bem vistas pelos mais esnobes leitores da época.

Em 1968, Marcos Faerman já estava em São Paulo, no *Jornal da Tarde*, e conta uma curiosidade. Enquanto os

estudantes de Paris assaltavam os templos do saber [...] e os vietcongues avançavam nas noites sagradas do Tete do Khmer Vermelho {...} eu, um militante socialista, me apaixonei por Ian Fleming, romancista, jornalista, antigo espião a serviço de Sua Majestade (p. 150).

Há uma crítica aos manuais de redação, objetos que o Autor acusa de disseminar uma *visão castradora da imaginação e do texto jornalístico*. Cita Roland Barthes para quem o texto dever ter prazer. Acrescenta que o texto mais prazeroso ajuda o leitor a ampliar a sua compreensão do contexto da reportagem. Concorda com as

palavras do jornalista Mino Carta que concordava com a ideia de que naquele tempo tinha-se a impressão de que o jornalista não precisava mais saber escrever. E ainda havia chefes de redação que minimizavam o valor do repórter que escrevia bem, chamando-o de “romântico” ou “metido a escritor”, como se fosse um defeito (p. 151). Marcos respondia dizendo que ninguém poderia ser repórter sem devorar muitos livros, sem conhecer sociologia, filosofia, cinema e arte dos quadrinhos com Will Eisner e Hugh Pratt.

Outros autores-chave citados: *O lobo do mar*, de Jack London; *Moby Dick*, de Melville; *Don Quixote*, de Cervantes, autores do realismo francês ou neo-realismo americano. A estes nomes, ele soma os imprescindíveis clássicos da reportagem desde Heródoto até John Reed, Daniel Defoe, James Agee, Tom Wolfe, Norman Mailer e Truman Capote.

Uma qualidade fundamental para o repórter, na visão do Autor, neste depoimento, é o espírito de aventura. Como exemplos, os repórteres que criaram a *Revista Realidade*. Entre eles: José Hamilton Ribeiro, Audálio Dantas, Narciso Kalili e outros. Ou então, como Edmar Morel, na revista *O Cruzeiro*, ou outros colegas que trabalharam na revista *Manchete*. Ainda, os que escreveram reportagens antológicas sobre a rodovia *Transamazônica*, como Fernando Morais e Ricardo Gontijo. Ou ainda, Fernando Portella e Cláudio Bojunga, que percorreram lugares de fronteira, muito difíceis no Brasil, para reportar acontecimentos no *Jornal da Tarde*. Foram percorridas terras da Bahia, dos sertões, entre índios, ao lado de fotógrafos como Alfredo Rizzini e Rolando de Freitas (p.152).

Uma admiração especial de Marcos era o repórter Albert Londres, repórter do princípio do século sobre o qual ele havia lido muito e que considerava como seu exemplo. Era um jornalista apaixonado e lendário que fez grandes reportagens pelo mundo. Dizem que, certo dia, ele foi trabalhar em uma redação e o diretor lhe pediu que seguisse a linha do jornal. Ele pegou a bengala e o chapéu e disse: *Quem tem linha é tre*. E foi embora (p. 153).

Um grande sonho, sempre adiado, era o de reunir material para escrever a “*História da Reportagem*”. Sempre seguindo outra grande escola de jornalismo para ele, que era o exemplo de Otto Maria Carpeaux, em sua obra *História da Literatura Ocidental*. Ou os ensaios de Alceu Amoroso Lima sobre jornalismo. Queria reproduzir a leitura das entrevistas com escritores como Ernesto Sábato, José Luis Borges, Júlio Cortázar. Lembra de Eduardo Galeano, que o ajudou a traçar um quadro da literatura latino-americana e que foi publicado no *Jornal Ex*, na metade dos anos 1970.

Lembra quando o escritor argentino Júlio Cortazar veio ao Brasil, onde marcara um encontro com sua mãe, pois não podia vir para a Argentina naquele momento. Vindo de Paris, Cortázar havia lançado a obra *El libro de Manuel*, sobre um grupo de latino-americanos que conspiravam na França contra a ditadura argentina, e a narrativa era estruturada em forma de notícias de jornal. Por este motivo e outros semelhantes, o escritor era mal visto pelo governo argentino e brasileiro. Em Buenos Aires haviam sido assassinados 30 mil presos políticos. Marcos conta, em seu depoimento, que o ajudou muito junto ao professor de literatura russa Boris Schnaiderman, o poeta Haroldo de Campos e outros amigos.

Este episódio foi importante porque o conhecimento de Boris Schnaiderman o introduziu na leitura de autores russos, como Dostoiévski e os procedimentos de narrativa sobre memória, como na obra *Diário de um Escritor*, entre outras.

Sobre este tipo de narrativa, que funde memória pessoal e história coletiva de prisões, também surgia a presença de Jorge Semprún, de Graciliano Ramos em sua *Memórias do Cárcere*, em que se fundiam personagens da vida real e da ficção nos presídios brasileiros do Estado Novo, na era de Getúlio Vargas.

O aprendizado da integração da forma literária ao documentário passou a ser um tipo de escritura importante para o Autor em sua busca do modo preciso de captar a realidade. A estética do cinema documentário sobre campos de concentração, de Alain Resnais, em *Noites e neblinas*, é citada como exemplo da maneira como o cineasta realizava uma espécie de cinema-reportagem.

Mas, um escritor que muito o influenciou foi Daniel Defoe, que ele considerava como um clássico do jornalismo por ter escrito *Diário do ano da peste*, que narra os acontecimentos em torno de uma peste no século XVII. Ele também se refere à memória textual que outros escritores, mais tarde, fizeram emergir em suas criações. É o caso de Gabriel Garcia Marques, que se tornou jornalista depois de ler a obra referida, além de Albert Camus com sua obra *A peste*.

Pensando em diálogos entre textos em diferentes épocas, Marcos recorda que quando chegou a São Paulo para trabalhar no *Jornal da Tarde*, havia um interesse acentuado pelo Novo Jornalismo norte americano por parte de colegas como Ivan Ângelo Fernando Mitre, Flávio Márcio, Murilo Felisberto, entre outros. As obras *Aos olhos da multidão*, de Gay Talese, e *A Sangue Frio*, de Truman Capote, eram muito lidas. Eram escritos muitos textos longos, como Gay Talese explicava no prefácio de *Aos olhos da multidão*, para serem lidos como ficção, embora não o fossem. Em suas palavras reproduzidas nas memórias deste depoimento de Marcos Faerman:

O Novo Jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar [...] Tento absorver todo o cenário, o diálogo, a atmosfera, a tensão, o drama, o conflito, e então escrevo tudo do ponto de vista de quem estou focalizando, inclusive, sempre que possível, o que os indivíduos pensam nos momentos que observo... (p.157).

Estes princípios eram discutidos e absorvidos pelos jornalistas amigos de Marcos diariamente nos entremeios do trabalho como fundamentos de sua arte de reportar. Ele nos diz a certa altura:

Posso lembrar quantas madrugadas atravessamos nos bares das cercanias do *Estadão*, ali na Major Quedinho, onde hoje é o *Diário Popular*, bebendo o Novo Jornalismo, a literatura latino-americana – e mais aquela pergunta: como é que alguém poderia ser idiota a ponto de não amar Dalton Trevisan, Nelson Rodrigues, Ruben Fonseca, Drummond e umas doses de Machado? (p.157).

Apesar de compartilhar o entusiasmo de seus contemporâneos sobre o Novo Jornalismo, Marcos se insistia em dizer que:

[...] o Novo Jornalismo não tinha ‘inventado’ o jornalismo documental, como achavam alguns. A reportagem literária já “existia”, tanto em autores como Daniel Defoe, no século XVII, como num John Reed ou no quase desconhecido (no Brasil) James Agee, ou nos inúmeros livros de reportagem do argentino Rodolfo Walsh, dos quais se destaca *Operação Massacre*. No mesmo sentido, eu situaria a obra jornalística de autores brasileiros como Joel Silveira ou Rubem Braga, que escreviam textos fortemente literários desde muito antes do Novo jornalismo [...] (p.159).

Depois de confessar a sua paixão pela obra de John Reed, John do Passos e Louis-Ferdinand Céline, o Autor volta a se referir a James Agee, um dos escritores norte-americanos surgidos em 1939-1940 e que ele mais admirava. Foi um de seus grandes mestres.

Em sua grande obra *E louvemos agora os grandes homens*, Agee apresenta sua proposta de escrever sobre homens indefesos que ele retrata em minúcias como se fosse um filme. Desse modo, seu trabalho tornou-se um documento sociológico e antropológico. Questiona seus leitores e sugere que estes o leiam com emoção, com todos os sentidos.

Marcos descobriu este escritor na antiga Livraria Francesa, em São Paulo, situada à Rua Barão de Itapetininga, em uma tarde em que saía de uma sessão de tortura com cargas de eletrochoque por “atividades subversivas” na Operação Bandeirante. Foi uma recompensa naquele dia que, talvez por este motivo, a descoberta de James Agee deixou marcas para sempre.

O último autor-mestre do jornalismo de Marcos Faerman citado no depoimento foi Rodolfo Walsh, que ele considerava um dos maiores narradores de todos os tempos. Um repórter que assumiu uma identidade falsa para escrever a reportagem *Operação Massacre*, uma história sobre um grupo de militares que imaginavam fazer uma revolução libertadora. Mas erraram os tiros e o objetivo do massacre. Depois de um ano, Walsh reverteu a reportagem e a recontou a partir dos sobreviventes que encontrou. Walsh foi assassinado em um golpe de 1976, junto a pelo menos mais um protagonista do acontecimento que relatou.

O depoimento de Marcos Faerman termina com uma espécie de balanço de suas ideias sobre o que é a reportagem. Ele a considera como um método de investigação da realidade. Um método diferente da historiografia, da sociologia ou da antropologia. Depende da formação cultural de quem escreve. Ele afirma que: *só ganha espaço, mesmo nas piores redações, quem tem o mínimo de inventividade e não escreve como se estivesse lidando com uma bula de remédios* (p.162).

Reitera a ideia do escritor francês Claude Roy, segundo o qual o “*pai da reportagem é Heródoto*”, alguém que Marcos descreve como um exemplo do que poderia e deveria ser o repórter de seu tempo. Heródoto tinha o método de captação de dados que faltava ao profissional dos jornais em um tempo de transições e de transgressões, motivos de sua perplexidade e de seus questionamentos. Afinal, como deveria ser o repórter em um momento em que seu ato de reportar estava em crise. Como ele poderia continuar seu trabalho e abraçar sua causa de buscar a palavra precisa para apreender nela uma realidade que lhe escapava das mãos. Ele queria ser tal como foi Heródoto:

Um grego que nasceu em 484 anos antes de Cristo e que se dedicou a percorrer, sem preguiça e sem tédio, os limites do mundo. Do mundo de então. Onde tratava de descobrir as historiadadas coisas, com paixão absoluta pelo maravilhoso, o lendário e o mítico. Sempre se preocupou em distinguir o que ‘viu’ do que ‘ouviu’. Explorou seu tempo como um enviado especial dos jornais e revistas de hoje o faz (p. 163).

Só assim, ele realizaria a sua “*longa aventura da reportagem*’.

Referências bibliográficas

BAK HTIN, Mikhail. **Estética e criação verbal**. Trad. do russo por Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil-1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BRIGGS,Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2004.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, P. (Org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

FAERMAN, Marcos. **Com as mãos sujas de sangue**. São Paulo: Global, 1979.

_____. As palavras aprisionadas. **Jornal Versus**, n. 7, dezembro 1976, p.38.

_____. A longa aventura da reportagem. In: DANTAS, Audálio (Org.). **Repórteres**. São Paulo: Senac, 1997.

FERREIRA, Jerusa. **Armadilhas da memória e outros ensaios**. São Paulo: Ateliê, 2004.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design**. São Paulo: Cosac e Naify, 2007.

LOTMAN, Iúri. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. València: Ed.Frónesis/Cátedra .Universitat de València, 1996.

TAGÉ, Terezinha. Memória e cultura no ato de reportar. **Revista Fronteiras**. V. 3, n.2, dezembro 2001, p. 161-171.

TAGÉ, Terezinha (Org.). **Sensibilidades configuradas: estudos sobre comunicação, mídia e produção de sentido**. São Paulo: Miró Editorial, 2009.

VIEIRA, Isabel. Marcos Faerman, um humanista radical. In: VILAS BOAS, Sérgio (Org.). **Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

ⁱ Este artigo faz parte de uma pesquisa sobre a Memória Textual na Imprensa Brasileira, como segmento do Projeto *Enunciações do Cotidiano: Narrativas Lineares e Não-Lineares em Textos da Comunicação e da Cultura*, por mim desenvolvido na ECA-USP, no Departamento de Jornalismo e Editoração e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Não se trata da memória nostálgica, mas da busca de traços discursivos e textuais, além de depoimentos que permanecem e interagem nos textos (verbais e não-verbais) jornalísticos ou não, que formam o conjunto da cultura brasileira. Os apoios teóricos estão na semiótica da cultura, segundo Íuri Lotman, e nos estudos sobre gêneros do discurso, segundo Bakhtin, entre outros.

Este artigo e todo o conteúdo da **Estudos em Jornalismo e Mídia** estão disponíveis em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/index>

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a [Licença Creative Commons](#)